

Solilóquio 1

Eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria.

Aquela meiguice desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente - tentação dessas eu espiarescia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos.

De primeiro fiquei sabendo que gostava de Diadorim - de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Foi de repente que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei... na hora. Me alembro. Eu estava sozinho, deitado numa esteira de taquara, num rancho velho de tropeiro. Ao perto de mim minhas armas. Com aquelas, reluzentes nos canos, eu mandava a morte em outros. Como é que, dum mesmo jeito, se podia mandar o amor?

“Se é o que é - pensei - eu estou meio perdido”...

Acertei minha idéia: eu não podia por lei de rei, admitir o extrato daquilo. Ia, por paz de honra e tenência, sacar esquecimento daquilo de mim.

Se não, pudesse não, ah, mas então eu devia de quebrar o morro: acabar comigo, com uma bala no lado da minha cabeça, eu num átimo punha barra em tudo.

“Nego que gosto de você, no mal. Gosto, mas só como amigo!” De por diante acostumei a dizer isso, sempre as vezes, quando perto de Diadorim eu estava. E eu mesmo acreditei. Ah! meu senhor! - como se o obedecer do amor não fosse sempre ao contrário...

(Grande sertão veredas – Guimarães Rosa)